

Voz do índio

Kiriri

Carlito, Líder Kiriri.

Fazendeiro é o maior inimigo.

Neste 26 de dezembro, transcorre o primeiro ano da morte do cacique Pankararé Ângelo Pereira Xavier, que morreu assassinado em Brejo do Burgo, município de Nova Glória, na Bahia.

Considerado o segundo estado do país em índice de problemas relacionados com a posse de terras e grilagem, a Bahia continua se apresentando como um palco de constantes conflitos, envolvendo, comumente, nações indígenas como os Kaimbé e Kiriri. Os Kaimbé continuam resistindo contra as antigas investidas da empresa OTEMAPES, enquanto os Kiriri, decididos, afirmam que enfrentarão os invasores, como declara o líder Carlito: "Nós não nascemos pra semente e vamos entrar (na luta) até pra se acabar".

CRIME IMPUNE

Nos últimos dois anos, a imprensa nacional tem-se ocupado, com certa regularidade, dos graves problemas envolvendo terras indígenas na Bahia, tendo sido marcante o assassinato de Ângelo Xavier, em Brejo do Burgo, até hoje impune. A repercussão do fato trouxe à tona a situação dos Pankararé e o posicionamento de desprezo da FUNAI com relação a esses indígenas. Apesar de muito alarde, de muita promessa de punição ao criminoso, até hoje nada de concreto se fez. Ao contrário, no lugar foram intensificadas as corrupções, com a entrada, na área, do Partido Democrático Social - PDS, que, sem nenhuma atitude pacificadora ou resoluta, age com o objetivo de angariar a simpatia dos indígenas e posseiros, atizando por trás, o ódio entre ambos. Enquanto se desenrolam os conflitos, o partido taticamente toma para si a imagem de "apaziguador", conseguida através das mentirosas promessas tanto para os indígenas quanto para os posseiros.

Em Ribeira do Pombal, onde vivem os Kiriri, a intranquilidade é intensificada dia a dia, com a comum usurpação da terra desse povo pelos falsos proprietários, ou a grilagem feita por grupos econômicos.

ENTREVISTA DE CARLITO

Ameaçado de morte, o cacique Kiriri, Lázaro, passou todo o mês de abril deste ano em Brasília, pensando obter proteção da FUNAI. Em junho, visto a inutilidade das promessas deste órgão e o agravamento das invasões, Lázaro voltou a recorrer à "tutora dos indígenas" e novamente não obteve nenhuma resolução concreta. Mesmo assim, nem fazendeiro nem FUNAI conseguiram neutralizar a combatividade dos Kiriri, como fica evidenciado na entrevista com o líder Carlito, de 25 anos, feita pelo pessoal do CIMI-Nordeste.

— Como é que os índios estão pensando resolver seus problemas?

-Carlito: A gente sempre foi muito enganado. Muito tempo esperando pelas ordens da FUNAI e a FUNAI até agora nunca resolveu.

Um índio tava trabalhando na roça e chegou de noite precisou de comprar umas coisas e foi comprar na Mirandela (povoado na área indígena). Aí veio um povo prá matar ele. Na hora que ele se viu apertado e vendo que ia se acabar naquela hora, ele se achou obrigado a enfrentar com alguma coisa. Catoj um tijolo e deu na cabeça deles, né? Daí agora tão dizendo que vão atrás da polícia que é pra resolver esse problema. Pegar o índio e levar preso. Já há

muito tempo atrás que nós vive apanhando. Eu mesmo tinha um tio chamado Manoel e ele se acabou morrendo de pancada da gente de Mirandela e Marcação. Morreu doente de pancada. E nunca a gente teve solução, nenhuma providência foi tomada. Vamos ver se vai ter justiça pra resolver essas pancadas e todo sofrimento. Só porque o índio pegou o tijolo e deu na cabeça de um, agora vem Justiça pegar o índio e levar pra prender.

Agora vamos ter paciência, que não vai ser como eles querem não, porque, se eles entrar aqui e pegar o índio pra levar preso, a coisa vai piorar mais, né? Porque nós estamos se reunindo, já se reunimos e vamos esperar essa força que vem. E também vamos esperar os fazendeiros que vêm pra abrir aguada da Lagoa Grande pra eles dar água pros bichos deles. Depois que chegar essa força pra prender este índio e levar preso, daí a gente vai enfrentar a luta daqui de dentro. Porque nós não nascemos pra semente e vamos entrar (na luta) pra se acabar.



Os Kaimbé discutem a invasão de suas terras (foto: Fábio Santos)



Carlito, líder Kiriri, animando-se no Tere para enfrentar os invasores (foto: Fábio Santos)

— Quais os outros problemas da aldeia?

Carlito: Eu acho que o maior é a demarcação da terra. Saiu, acabou todo problema.

— Como vocês encaram os fazendeiros e os lavradores pobres que ocupam a terra de vocês?

Carlito: — Os fazendeiros são mais inimigos. Os que tiver mais criatório, esse é o mais inimigo.

— O tratamento dado ao lavrador é igual ao do posseiro?

Carlito: Aquele que é inimigo da gente, acho que a gente deve ficar livre. Aquele que for mais amigo da gente, a gente faz meio e ele pode ficar. Aquele que é inimigo, se a gente pudesse ficar livre dele logo, ficava.

— Como você vê a atuação da FUNAI?

Carlito: Eu tô pensando que nós não tamos mais acreditando nela. Porque se ela tivesse fazendo alguma benfeitoria do nosso lado, ela ia defender tudo isso, né? Mas ela não está defendendo a gente. Sobre este ponto ela não está defendendo.

KAIMBÉ ENGANADOS

Os Kaimbé, cuja população atinge cerca de 900 pessoas, resolveram, por conta própria, fazer a demarcação de 90% de sua área. Entretanto, devido às ameaças da FUNAI e a promessa de que o órgão iria oficialmente realizar a demarcação, os Kaimbé desfizeram o trabalho. Mais uma vez as promessas ficaram em palavras e os Kaimbé continuam totalmente à mercê dos invasores.

Ultimamente, não resistindo às agressões da empresa Otemapes, esses indígenas, resolveram derrubar as cercas levantadas, o que aguçou a ira dos jagunços enviados pela empresa, que constantemente provocam os indígenas.

Reunidos, os Kaimbé iniciaram os trabalhos de roça numa área que está sendo exigida pelo latifundiário doutor Ari, que ameaça o prosseguimento das plantações. Por outro lado, os serviços de olaria que esses indígenas também tentam realizar, estão encontrando empecilhos por parte do fazendeiro José Milton, que destruiu os trabalhos alegando ser o legítimo dono da área. Com a ameaça feita por José Milton ao cacique João Marcelino, os Kaimbé se revoltaram: ainda mais e, juntos, decidiram continuar as atividades da olaria.

Como os Kiriri, enfrentam corajosamente os intrusos: (CIMI—NORDESTE.)